



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF FRANCISCO AFONSO FERNANDES DE SOUSA NETO

**A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS:
FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS
ESPECIAIS EMPREGADOS**

**Rio de Janeiro
2017**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF FRANCISCO AFONSO FERNANDES DE SOUSA NETO

**A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS:
FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS
ESPECIAIS EMPREGADOS**

Artigo Científico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional

**Rio de Janeiro
2017**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DESMIL
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Inf FRANCISCO AFONSO FERNANDES DE SOUSA NETO**

Título: **A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE
DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS:
FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS
ESPECIAIS EMPREGADOS**

**Trabalho Acadêmico, apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito parcial para a obtenção da
especialização em Ciências Militares, com
ênfase em Gestão Operacional, pós-
graduação universitária lato sensu**

APROVADO EM _____ / _____ / _____ **CONCEITO:**

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
ANTÔNIO HERVÉ BRAGA JÚNIOR - TC Cmt Curso e Presidente da Comissão	
CARLOS ALBERTO NEIVA BARCELLOS FILHO - Cap 1º Membro e Orientador	
RICARDO SARTORI PORTUGUÊS DE SOUZA - Cap 2º Membro	

FRANCISCO AFONSO FERNANDES DE SOUSA NETO – Cap
Aluno

A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS: FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS ESPECIAIS EMPREGADOS

Francisco Afonso Fernandes de Sousa Neto*
Carlos Alberto Neiva Barcellos Filho**

RESUMO

O emprego das Forças Armadas em operações de apoio a órgãos governamentais tem ocorrido com cada vez mais frequência nos dias atuais. Dentre as atividades possíveis de serem executadas nesse emprego estão as Operações de Controle de Distúrbios (OCD), que exigem uma tropa altamente adestrada, deixando evidente a legitimidade de suas ações e diminuindo ao máximo a possibilidade de danos à população civil, principalmente em grandes eventos, devido à visibilidade que possuem, proporcionada pela grande cobertura midiática que lhes é característica. O adestramento da tropa para esse tipo de operação deve estar calcado em uma doutrina completa e atual. Todavia, tem-se verificado que a doutrina de OCD vigente está defasada, carecendo de atualização e da normatização de técnicas, táticas e procedimentos já em utilização pelas tropas mais experimentadas. Nesse sentido, o presente estudo busca propor a adequação da doutrina de OCD, visando ao emprego de uma Companhia de Fuzileiros nesse tipo de operação em grandes eventos, por meio de um levantamento realizado em fontes bibliográficas diversas, nacionais e internacionais, questionários e entrevistas exploratórias com militares proficientes no assunto. Como resultado da investigação realizada, foram obtidas informações que possibilitam a atualização da doutrina, com enfoque em formações a serem utilizadas, ações para o movimento e manobra, e meios especiais a serem empregados em OCD.

Palavras-chave: Grandes eventos. Controle de distúrbios. Formações. Meios especiais. Movimento e manobra.

ABSTRACT

The deployment of the Armed Forces in operations of support to governmental organisms has occurred with increasing frequency in the present day. Among the possible activities to be carried out in this deployment are the Crowd Control Operations (CCO), which require a highly trained troop, making evident the legitimacy of their actions and reducing to the maximum the possibility of damages to the civil population, especially in mass events, due to the visibility that they have, provided by the great media coverage that is characteristic of them. The training of the troops for this type of operation must be based on a complete and current doctrine. However, it has been verified that the current CCO doctrine is out of date, requiring updating and standardization of techniques, tactics and procedures already in use by the most experienced troops. In this sense, the present study seeks to propose the adequacy of CCO doctrine, aiming at the use of a Company in this type of operation in mass events, through a research conducted in several national and international bibliographical sources, questionnaires and exploratory interviews with military proficient in the subject. As a result of the research carried out, information was obtained that enables the updating of doctrine, with focus on formations to be used, actions for movement and maneuver, and special means to be employed in CCO.

Keywords: Mass events. Crowd control. Formations. Special means. Movement and maneuver.

✉* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2008.

** Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2004. Pós-graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2013.

1 INTRODUÇÃO

A Carta Magna Brasileira prevê o emprego das Forças Armadas na “defesa da Pátria, na garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, na garantia da lei e da ordem” (BRASIL, 1988, p. 86). Essa última vertente de emprego das FFAA, particularmente na Força Terrestre, é uma realidade que vem ganhando cada vez mais vulto, pois o ambiente operacional contemporâneo obriga as forças militares a estarem aptas a conduzir operações militares em qualquer ponto do espectro dos conflitos, desde a paz estável, até o conflito armado/guerra (BRASIL, 2014, p. 2-1).

O recrudescimento das ações de grupos criminosos e a ineficiência do aparato de segurança das organizações policiais ensejou a participação do Exército em missões de apoio a órgãos governamentais, com destaque para a pacificação dos Complexos da Penha e do Alemão, no ano de 2010, e do Complexo de favelas da Maré, em 2014. Ainda, no último quinquênio, foi também pertinaz a atuação da Força na segurança de grandes eventos sediados no Brasil, único país latino-americano a integrar o ranking dos 20 países que mais realizaram eventos internacionais no ano de 2015 (VIEGAS; VLEEMING, 2016).

Os V Jogos Mundiais Militares, em 2011, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável – Rio +20, em 2012, a Copa das Confederações FIFA e a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), ambos em 2013, a Copa do Mundo FIFA, em 2014, e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, são exemplos de grandes eventos sediados no nosso país, todos caracterizados pela diversidade das entidades e autoridades nacionais e internacionais participantes e com repercussão nas mídias nacional e internacional (BRASIL, 2013, p. 4-5).

A atuação do Exército em grandes eventos exige uma tropa altamente preparada para fazer frente a possíveis ameaças e com militares proficientes, dentre outros aspectos, em operações de garantia da lei e da ordem, que demandam preparação e treinamento especial, “posto que o emprego nesse tipo de operação é fundamentalmente diferente, em princípio e doutrina, do tradicional emprego em missões relacionadas à defesa externa” (BRASIL, 2012, p. 156).

Dentre as operações de garantia da lei e da ordem, merecem ênfase as operações de controle de distúrbios, as quais ocorrem, via de regra, em locais com expressiva concentração de pessoas e com ampla cobertura midiática, onde as

ações devem ser extremamente bem executadas, a fim de que alcancem a efetividade esperada e deixem evidenciada a presença dos requisitos que autorizam o uso da força, quando necessário.

Nesse ínterim, o presente trabalho destina-se a estudar e a analisar o emprego da tropa em controle de distúrbios civis em grandes eventos, fitando em específico as formações e ações para o movimento e manobra, e a utilização de meios especiais nesse tipo de operação, visando a aprimorar e padronizar formas de atuação.

1.1 PROBLEMA

O presente trabalho advém da verificação de óbices a respeito do emprego de tropas em operações de controle de distúrbios em grandes eventos, durante as experiências profissionais vivenciadas na preparação para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

O Brasil tem sido anfitrião de grandes eventos originados por iniciativa do Poder Público ou por Organizações Não-Governamentais, característicos pela sua importância no cenário internacional. A Força Terrestre deve estar preparada para prover a segurança de tais eventos, o que implica na obtenção de elevado grau de adestramento nas diversas possibilidades de emprego, dentre as quais se destaca a operação de controle de distúrbios.

Atualmente, o advento da comunicação instantânea possibilita a rápida mobilização das massas e o perfil das manifestações mudou, com a população melhor informada acerca de seus direitos e com a cobertura midiática em tempo real dos acontecimentos. Ademais, surgiram grupos radicais que adotam a tática *Black Bloc*^{*}, que se caracteriza pela [adoção](#) de ações de violência direta e anonimato.

Tais condicionantes levam as tropas que realizam controle de distúrbios a buscar meios para incrementar suas ações, com medidas legais e criativas, de forma a evitar a previsibilidade, diferentes das ações ordinárias de Operações de Controle de Distúrbios (OCD) (AMARAL; VALÉRIO, 2014).

Ainda que a capacitação para a realização de operações de controle de distúrbios seja mister para toda a Força Terrestre, a doutrina de que trata o assunto

✉ ^{*} *Black Bloc* é o nome dado a uma estratégia de manifestação e protesto anarquista, na qual grupos mascarados e vestidos de preto se reúnem para protestar em manifestações de rua, utilizando a propaganda pela ação para questionar a ordem vigente (WIKIPEDIA, 2016).

é incipiente, posto que o Manual de Campanha C 19-15 “Operações de Controle de Distúrbios” (BRASIL, 1997), pela sua data de publicação, necessita ser atualizado, além de existirem diversas técnicas, táticas e procedimentos que não estão normatizados, carecendo de padronização no âmbito da Força.

Nesse contexto, foi formulado o seguinte problema de pesquisa: as formações, as ações para o movimento e a manobra, e os meios especiais previstos pela doutrina em vigor do Exército Brasileiro para serem utilizados pelas tropas empregadas em operações de controle de distúrbios está de acordo com o que está sendo executado na prática?

1.2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem por objetivo geral propor a adequação da doutrina de operações de controle de distúrbios visando o emprego de uma Companhia de Fuzileiros nesse tipo de operação em grandes eventos, com enfoque nas formações e ações para o movimento e manobra, desde o local de espera até o retraimento; e nos meios especiais utilizados.

Para provocar um encadeamento lógico e otimizar o trabalho em questão, permitindo a consecução do objetivo geral de estudo, foram relacionados os seguintes objetivos específicos:

a) Identificar os principais conceitos sobre as operações de controle de distúrbios, as formações empregadas e os meios especiais utilizados, por meio da realização de uma pesquisa bibliográfica;

b) Identificar as formações utilizadas pelas tropas em operações de controle de distúrbios;

c) Identificar os principais meios especiais utilizados em operações de controle de distúrbios;

d) Esclarecer dúvidas a respeito do assunto e colher informações a respeito das formações e dos meios especiais empregados na atualidade por meio da realização de entrevistas exploratórias com militares do Exército e de Forças Auxiliares com experiência em operações de controle de distúrbios; e

e) Analisar se a doutrina de controle de distúrbios está de acordo com o que está sendo posto em prática na atualidade.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A doutrina de OCD vigente deve evoluir a fim de acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade e de resguardar a integridade da tropa e da população civil, buscando o máximo de eficiência quando empregada. Tal necessidade é reconhecida pelo Exército Brasileiro, que está buscando a atualização do manual que trata sobre o assunto, cuja elaboração/ revisão, de acordo com o Plano de Desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre, está prevista para ocorrer ainda no ano de 2017.

As recentes manifestações ocorridas no Brasil e o emprego com maior frequência das Forças Armadas em operações de apoio a órgãos governamentais são fontes importantes para atualização de nossa doutrina. A normatização de novas técnicas, táticas e procedimentos já em utilização por algumas tropas mais experimentadas em OCD facilitará a preparação da Força Terrestre para esse tipo de missão.

Nesse sentido, o presente trabalho se justifica por promover uma pesquisa acerca de um tema relevante para o Exército, principalmente em uma situação de emprego em operação de apoio a órgão governamental, provendo a segurança de um grande evento, onde as ações das tropas poderão repercutir internacionalmente.

O presente trabalho pretende, também, levantar informações que possibilitam a adequação e atualização da doutrina de OCD, com maior ênfase nas formações, ações para o movimento e manobra, e meios especiais empregados em tal tipo de operação. Cabe ressaltar que o levantamento dos principais meios especiais utilizados em OCD poderá subsidiar a aquisição destes materiais e o aparelhamento das Unidades.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho tem como tema geral “Controle de Distúrbios Cíveis em Grandes Eventos”. Com o objetivo de delimitar o tema, o objeto formal de estudo do trabalho levantou as formações, ações para o movimento e a manobra, e meios especiais mais adequados para serem empregados pela tropa.

O delineamento da pesquisa, com a finalidade de colher subsídios que possibilitassem formular uma possível solução para o problema, contemplou o levantamento e seleção da bibliografia acerca do assunto, coleta e crítica dos dados pela leitura analítica e fichamento das fontes, além de realização de

entrevistas com especialistas, questionários, compilação, apresentação e discussão dos resultados.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizaram-se, principalmente, os conceitos de pesquisa **quantitativa**, pois as informações colhidas foram traduzidas em números para sua compreensão e análise.

Quanto ao objetivo geral, foi empregada a modalidade **exploratória**, tendo em vista que, ao tencionar a proposição da adequação da doutrina de operações de controle de distúrbios, buscou-se, por meio das entrevistas exploratórias e dos questionários para uma amostra relevante, a identificação de formações, técnicas, táticas, procedimentos e meios especiais utilizados na prática, porém ainda não formalizados.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura abrangeu documentos editorados entre 1966 e jun/2017. O limite anterior dessa delimitação remete à data de publicação do Manual de Campanha de Polícia do Exército (C 19-15), primeiro manual nacional que fez alusão à OCD; e o limite posterior foi fixado visando a possibilitar o acesso às mais atuais fontes relacionadas ao tema.

Foram utilizados os termos descritores grandes eventos, distúrbios civis, operações de controle de distúrbios e controle de massas, juntamente com seus correlatos em inglês e espanhol, na base de dados RedeBIE, em sítios eletrônicos de procura na internet e biblioteca de monografias da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), sendo selecionados apenas os artigos em português, inglês e espanhol. Ainda, o sistema de busca foi complementado pela coleta manual de manuais de campanha do Exército Brasileiro, do Exército dos Estados Unidos da América, do Exército do Reino da Espanha e do Exército de Portugal, referentes ao tema.

a. Critério de inclusão:

- Estudos publicados entre 1966 e 2017;
- Estudos publicados em português, espanhol ou inglês;
- Estudos que descrevem as formações utilizadas em OCD;
- Estudos que descrevem as ações para o movimento e manobra utilizadas em OCD; e
- Estudos que descrevem os meios especiais utilizados em OCD.

b. Critério de exclusão:

- Estudos com objeto de pesquisa pouco definido e explicitado;
- Estudos cujo foco central fossem outros aspectos das OCD que não as formações, as ações para o movimento e manobra e meios especiais empregados.

2.2 COLETA DE DADOS

Na sequência ao aprofundamento teórico a respeito do assunto, o delineamento da pesquisa contemplou a coleta de dados pelos seguintes meios: entrevista exploratória e questionário.

2.2.1 Entrevistas

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foram realizadas entrevistas exploratórias com os seguintes especialistas:

Nome	Justificativa
FERNANDO SÉRIO VITÓRIA – Cap PMESP	Possuidor dos cursos de Distúrbios Cívicos, de Policiamento em Eventos e de Ações Táticas Especiais, todos da PMESP, serviu 13 anos em Batalhão de Polícia de Choque, com experiência em emprego real em OCD
GILBERTO MARTINS RIBEIRO FILHO – Cap PMERJ	Possuidor do Curso de Controle de Distúrbios Cívicos da PMERJ e do <i>Curso de Intervención Policial, Dirección y Mando, do Cuerpo Nacional de Policía-Espanha</i> , serve desde 2009 em Batalhão de Polícia de Choque, onde comandou a primeira Subunidade (SU) de controle de distúrbios dessa Unidade (U), à frente da qual foi empregado em situações reais de OCD
MARCUS VINÍCIUS SOUZA DE OLIVEIRA – 1º Ten EB	Instrutor de OCD no Centro de Instrução de Operação de Garantia da Lei e da Ordem
ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA– S Ten PMESP	Possuidor dos cursos de Distúrbios Cívicos e de Policiamento em Eventos, ambos da PMESP, serve há mais de 29 anos em Batalhão de Polícia de Choque, com experiência em emprego real em OCD
JAIR MARCOS SOUZA REIS -2º Sgt EB	Instrutor de OCD no Centro de Instrução de Operação de Garantia da Lei e da Ordem

QUADRO 1 – Quadro de Especialistas entrevistados

Fonte: O autor

2.2.2 Questionário

A amplitude do universo foi estimada a partir do efetivo de oficiais e sargentos das Organizações Militares (OM) nível U da Brigada de Infantaria Paraquedista que foram empregados durante a segurança dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. O estudo foi limitado particularmente aos oficiais e sargentos integrantes de pelotões das companhias de fuzileiros, incluindo-se, também, os capitães comandantes de SU, tendo em vista o preparo de tais militares para o emprego na missão de segurança supracitada ter contemplado o adestramento em OCD.

Dentro de uma população (N) de 192 militares, a fim de atingir uma maior confiabilidade das induções realizadas, buscou-se atingir uma amostra significativa, utilizando-se como parâmetros o nível de confiança igual a 90% e erro amostral de 10%, o que resultou no dimensionamento de uma amostra ideal (n_{ideal}) de 51 militares. Considerando-se um efetivo de 150% da amostra ideal prevista ($n_{ideal}=51$), foram distribuídos 77 questionários de forma direta (pessoalmente) ou indireta (formulário eletrônico), dos quais 64 foram respondidos.

Foi realizado um pré-teste com 3 capitães-alunos da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), que atendiam aos pré-requisitos para integrar a amostra proposta no estudo, com a finalidade de identificar possíveis falhas no instrumento de coleta de dados. Ao final do pré-teste, não foram observados erros que justificassem alterações no questionário e, portanto, seguiram-se os demais de forma idêntica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas sobre o tema deste trabalho apontam para a tendência de que as operações de controle de distúrbios sejam realizadas para fazer frente a turbas altamente organizadas e criativas, potencialmente violentas, a exemplo dos *Black Blocs*, e cientes de que qualquer ação por parte da tropa que gere dúvida com relação à sua legalidade pode ser explorada de forma negativa, utilizando-se das imagens geradas pela mídia, a qual acompanha os acontecimentos e transmite-os em tempo real, principalmente em um contexto de grandes eventos, cuja importância e visibilidade, muitas das vezes de envergadura internacional, potencializa os reflexos das ações da tropa. Tal cenário exige uma tropa altamente capacitada para atuar em OCD, capacitação essa que só será atingida em sua plenitude caso exista uma doutrina capaz de orientar um preparo eficiente e eficaz.

Investigado se a doutrina em vigor no Exército Brasileiro atende à necessidade de preparo da tropa em OCD, a percepção da amostra, de maneira geral, é de que tal necessidade é atendida parcialmente, conforme os resultados apresentados pela tabela e pelo gráfico a seguir:

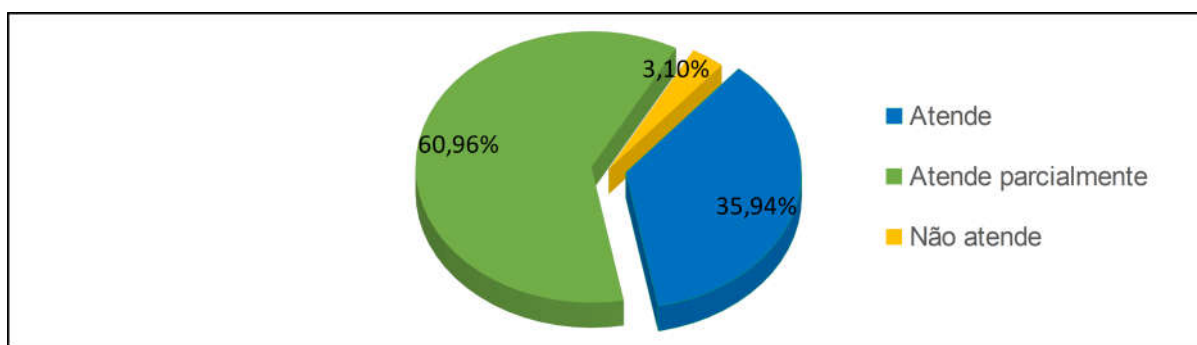


GRÁFICO 1 – Opinião da amostra sobre a capacidade da doutrina em vigor no Exército Brasileiro de atender à necessidade de preparo da tropa em OCD

Fonte: O autor

Há de se ressaltar que a apreciação sobre a doutrina de OCD vigente foi feita por uma amostra que conta com militares que já realizaram tal tipo de operação em situação de emprego real, e cuja maioria ocupou funções de comando (comandante da Força OCD ou comandante da Força de Choque), ou integraram a fração com maior dinâmica por estar em contato direto com a turba, a Força de Choque, conforme podemos verificar a seguir:

Situação em que já realizou OCD	Amostra	
	Valor Absoluto	Percentual
Adestramento	64	100%
Missão no Haiti (MINUSTAH)	16	25%
Operação Arcanjo (Complexo do Alemão e da Penha)	10	15,6%
Operação São Francisco (Complexo de favelas da Maré)	7	10,9%
Greve da Polícia Militar do Estado da Bahia	1	1,6%

QUADRO 2 – Situações em que os membros da amostra já realizaram OCD, em valores absolutos e percentuais

Fonte: O autor

Nota: A soma dos valores absolutos é maior do que o tamanho da amostra (64 militares) tendo em vista haver militares que já realizaram OCD em mais de uma das situações apresentadas

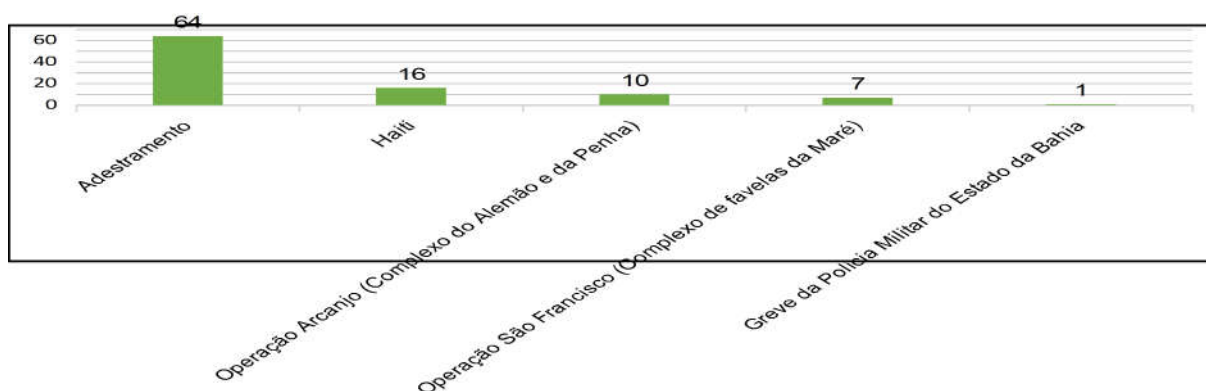


GRÁFICO 2 – Situação em que os membros da amostra já realizaram OCD, em valores absolutos

Fonte: O autor

Função Exercida	Amostra	
	Valor Absoluto	Percentual
Comandante da Força OCD	18	28,1%

Comandante da Força de Choque	44	68,8%
Integrante da Força de Choque	24	37,5%
Outras funções	6	9,4%

QUADRO 3 – Funções exercidas pelos membros da amostra em OCD, em valores absolutos e percentuais

Fonte: O autor

Nota: A soma dos valores absolutos é maior do que o tamanho da amostra (64 militares) tendo em vista haver militares que já exerceram mais de uma função em OCD

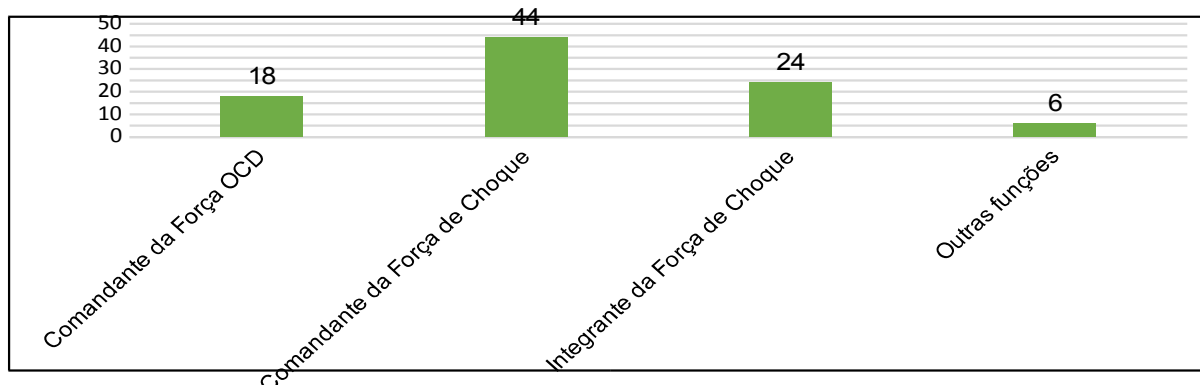
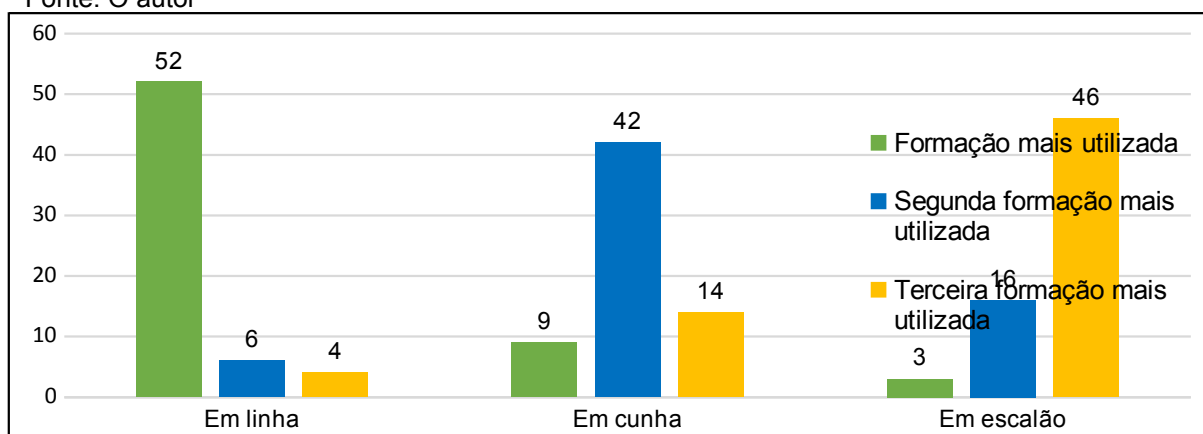


GRÁFICO 3 – Funções exercidas pelos membros da amostra em OCD, em valores absolutos

Fonte: O autor



Com relação às formações básicas adotadas pela Força de Choque, 81,2% da amostra apontou a formação em linha como a mais utilizada, seguida pela formação em cunha, eleita por 65,6% da amostra como a segunda formação mais utilizada, e 71,8% apontou a formação em escalão (à esquerda ou à direita) como a menos utilizada por ocasião do investimento contra a turba. Apesar do entendimento de que a escolha da formação a ser utilizada levará em consideração uma série de fatores pontuais característicos de cada caso concreto, o objetivo da pergunta foi verificar a formação que se aplica à maioria das situações que possam surgir.

GRÁFICO 4 – Avaliação da amostra sobre qual a formação em OCD mais utilizada pela Força de Choque, em valores absolutos

Fonte: O autor

Também relacionado a este item, foram destinados espaços para a descrição de variações das formações apresentadas ou de outras formações

básicas não previstas formalmente, onde merecem destaque as seguintes observações:

a) A adoção da “formação em diamante”, não contemplada pela nossa doutrina, porém em uso no Exército dos Estados Unidos da América e na Polícia Militar do Estado de São Paulo, em situações nas quais a Força de Choque possa vir a ser atacada pela turba em várias direções;

b) A opção da adoção da formação em linha com maior distância entre os escudeiros, a fim de possibilitar à Força de Choque ocupar toda a frente do local onde é empregada, negando à turba a possibilidade de flanqueá-la, além de permitir aos escudeiros maior liberdade de movimento para repelir indivíduos mais violentos em contato direto com esses militares. Tal observação vai de encontro ao que prevê a doutrina, segundo a qual os escudeiros devem ficar o mais próximo possível entre si; e

c) A possibilidade da existência de mais de uma Força de Choque, caso a turba se apresente em grupos distantes entre si, ou a possibilidade da Força de Choque dividir-se em uma eventual cisão da turba, o que contraria o entendimento de que a Força de Choque é indivisível. O Cap Gilberto, militar da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, entrevistado, asseverou que as tropas de choque da corporação à qual pertence vêm buscando desenvolver a capacidade da Força de Choque de se separar em grupos e se reorganizar, a fim de aumentar a velocidade em deslocamentos, transpor obstáculos e confundir a turba, ganhando maior “capilaridade” no terreno.

Dentre as variações das formações em OCD existentes, tem-se empregado um efetivo maior de escudeiros na Força de Choque. Sendo possível a adoção de tal configuração, a maioria dos respondentes dos questionários enviados acredita ser prioritário o emprego de escudeiros protegendo os flancos e a retaguarda da tropa, em detrimento do emprego de escudeiros formando uma segunda linha de escudos, a fim de adensar o dispositivo; ou do emprego de escudeiros à retaguarda do dispositivo, ECD passar à frente, formando uma nova linha de escudos para envolver porção da turba que estava mais próxima da tropa.

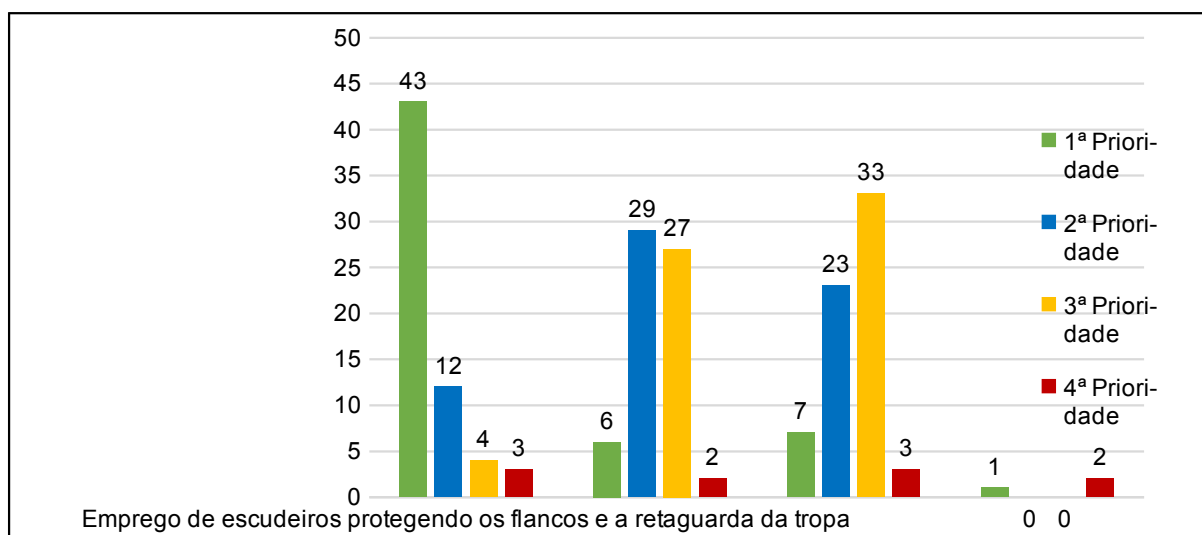


GRÁFICO 5 – Opinião da amostra, em valores absolutos, sobre emprego de efetivo maior de escudeiros nas Força de Choque

Fonte: O autor

Ainda relativo às formações em OCD, foi apresentada aos respondentes a definição da tática *kettling*, a qual “envolve a formação de largos cordões de policiais que se movem e empurram a multidão para confiná-la dentro de uma determinada área” (WIKIPEDIA, 2017), e foi questionada a possibilidade de adoção de tal tática por tropas do Exército em OCD. A maioria (78%) julgou viável o emprego de tal tática, conforme gráfico a seguir:

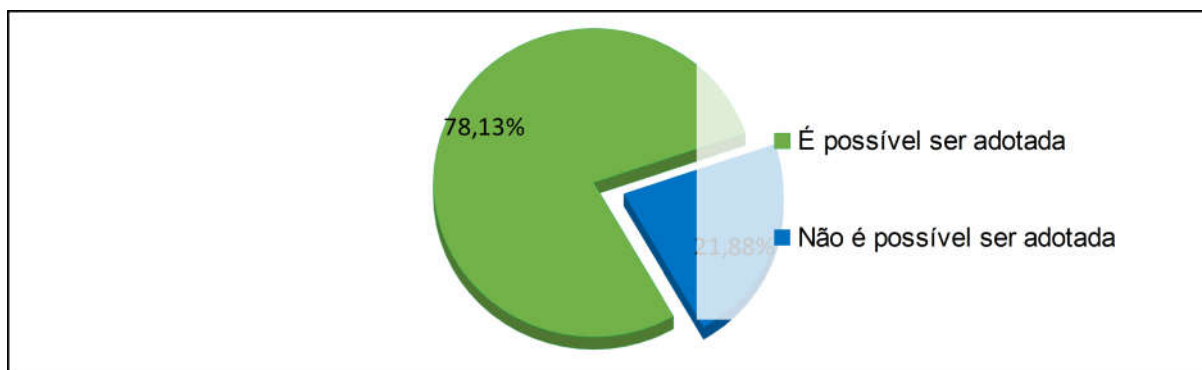


GRÁFICO 6 – Avaliação da amostra, em valores percentuais, sobre possibilidade de adoção da tática *kettling* por tropas do Exército em OCD

Fonte: O autor

O resultado acima observado tem coerência com as características das operações de apoio a órgãos governamentais, nas quais se enquadra a segurança de grandes eventos. Em OCD em um contexto de operações de pacificação, o Exército é empregado após outros instrumentos do Estado terem se mostrado ineficazes para deter a ameaça, situação na qual as turbas provavelmente serão bastante violentas. Já em operações de apoio a órgãos governamentais, particularmente em grandes eventos, o Exército poderá se deparar com situações nas quais deva realizar OCD para dispersar resistências passivas ou aglomerações

que estejam prejudicando ou impedindo a realização do evento. Nessas situações, a tática *kettling* pode ser preferível às formações convencionais por diminuir as chances de acirrar os ânimos dos integrantes da aglomeração.

Os dois militares do Exército Brasileiro entrevistados, o 1º Ten Vinícius Souza e o 2º Sgt Jair, e o ST Carlos, da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), julgaram que a tática *kettling* é menos eficaz do que as formações ordinárias utilizadas em OCD e que não é indicada para utilização em grandes eventos, pois o confinamento da turba e a maior proximidade desta com a tropa pode acirrar os ânimos, enquanto o mais aconselhável é que a Força OCD, principalmente a Força de Choque, mantenha sempre distância. Também, o 1º Ten Vinícius Souza e o 2º Sgt Jair, acrescentaram que a utilização dos trajes antitumulto é outro empecilho para a prática do *kettling*. O Cap Fernando, da PMESP, ponderou que é válida a preparação para a utilização da técnica em questão, e o Cap Gilberto, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), afirmou ser viável o emprego de tal técnica em situação onde a turba apresente resistência não-violenta ou conte com grande número de pessoas consideradas vulneráveis, como mulheres e crianças, salientando como desvantagem o fato de exigir maior efetivo de militares do que as formações convencionais.

Relativo ao movimento e manobra em OCD, foram elencadas as principais ações para o movimento e manobra em OCD e solicitado aos membros da amostra que apontassem aquelas que já haviam posto em prática. Foi verificado que as ações mais comuns de serem realizadas, e que, portanto, necessitam constar na doutrina, são, em ordem de prioridade: a transposição e/ou remoção de obstáculos, a apreensão de membros da turba, e o resgate de civis feridos.

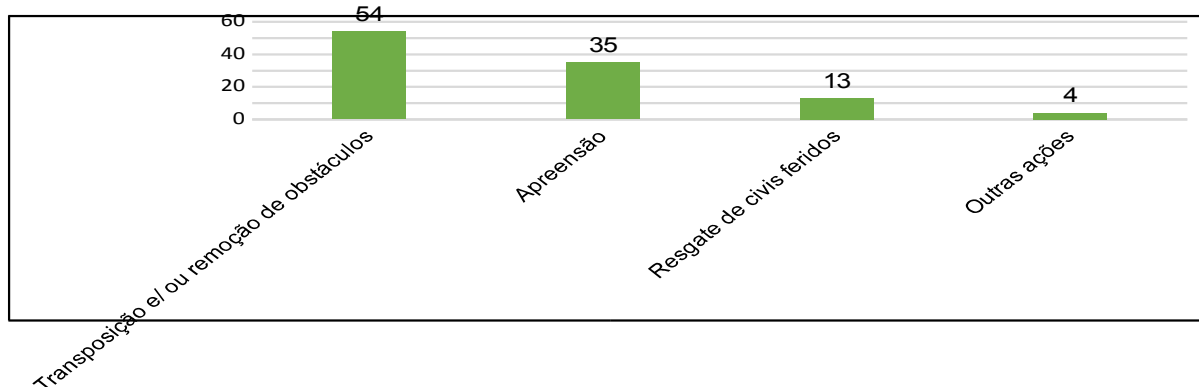


GRÁFICO 7 – Ações para o movimento e manobra já realizadas por membros da amostra

Fonte: O autor

Nota: A soma dos valores absolutos é maior do que o tamanho da amostra (64 militares) tendo em vista haver militares que já realizaram mais de um tipo de ação

A doutrina vigente não descreve o procedimento para realização do tiro com armamento menos letal ou letal em OCD. Assim, foi investigado qual a posição mais eficaz para a realização desse tiro. A maioria dos respondentes (42%) julgou ser mais eficaz o tiro realizado a partir de posições entre os escudeiros, enquanto 34% da amostra apontou a posição mais eficaz a partir das laterais do dispositivo, 16% a partir de posições acima da linha de escudos, e 8% julgou ser eficaz o tiro realizado a partir de qualquer uma dessas três posições, conforme podemos verificar no gráfico abaixo:

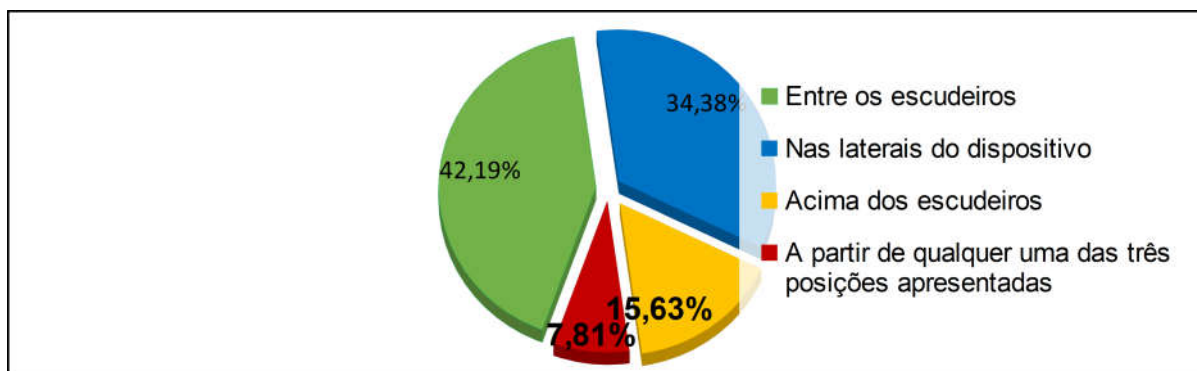


GRÁFICO 8 – Avaliação da amostra, em valores percentuais, sobre posição mais adequada para realização do tiro com armamento menos letal em OCD

Fonte: O autor

Os militares do Exército Brasileiro e da PMESP destacaram em suas entrevistas a necessidade de as tropas estarem aptas a realizar o tiro a partir de todas as três posições apresentadas. O 1º Ten Vinícius Souza destacou que o tiro a partir das laterais do dispositivo não prejudica o deslocamento da Força de Choque, além de proporcionar boa observação e campo de tiro aos atiradores, enquanto o tiro a partir de posições entre os escudeiros limita a observação e exige maior coordenação; e o tiro acima dos escudeiros exige que estes se abaixem, expondo os atiradores. O Cap Fernando, da PMESP, destacou que o tiro entre os escudeiros é o procedimento mais utilizado pela sua corporação.

A doutrina do exército espanhol prevê a realização do tiro tanto entre os escudeiros, como acima destes, destacando que em ambas as situações o atirador deve se adiantar em relação aos escudeiros, de modo que o ruído do disparo não cause danos à audição da tropa (REINO DA ESPANHA, 1998, p. 2-10).

Outra ação bastante realizada na prática, porém igualmente não descrita na doutrina em vigor, é a apreensão de membros da turba. Nesse sentido, foi pesquisado qual o procedimento mais eficaz para apreensão de líderes ou elementos mais agressivos em contato com a tropa em OCD, preponderando a avaliação de que tal apreensão deve ocorrer com os escudeiros envolvendo os

elementos a serem apreendidos para posterior ação da equipe de captura, com 55% de aceitação da amostra, em detrimento ao procedimento que preconiza o investimento da equipe de captura à frente da linha de escudos, a qual, após realizar a captura, conduz o indivíduo capturado à retaguarda.

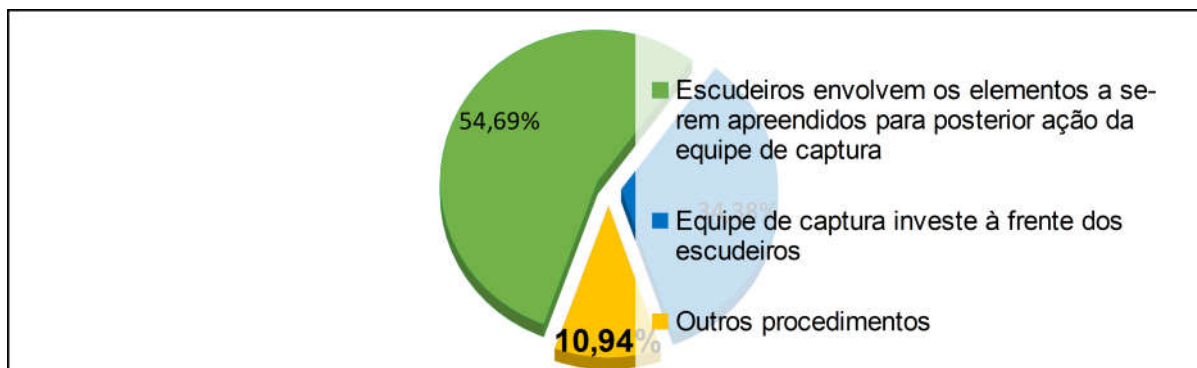


GRÁFICO 9 – Avaliação da amostra, em valores percentuais, sobre procedimento mais eficaz para apreensão de membros da turba

Fonte: O autor

Também relacionado ao item acima, onde foi selecionada a opção “outros procedimentos” para a apreensão de membros da turba, sobressaíram-se as seguintes respostas:

a) Utilização de cães para imobilização do indivíduo a ser apreendido, seguido por ação da equipe de captura;

b) Investimento da equipe de captura à frente, com posterior envolvimento dos escudeiros; e

c) Investimento da equipe de captura à frente, protegida por determinado efetivo de escudeiros, enquanto os demais fecham o dispositivo, aguardando o retorno dos membros da Força de Choque destacados à frente.

O ST Carlos, da PMESP, observou que, independente do procedimento adotado para a captura de membros da turba, é importante a marcação dos indivíduos a serem apreendidos com tinta, posto que tal prática facilita a apreensão e possibilita que seja realizada em momento posterior, pela Força de Cerco ou de Isolamento.

Por fim, almejando verificar quais os meios especiais mais eficazes em OCD, foi solicitado à amostra que ranqueasse os meios especiais, levantados por ocasião da revisão da literatura, do meio com maior eficácia para o menos eficaz, cujo resultado foi o seguinte: canhão de água, avaliado como o meio especial mais eficaz, seguido por cães de guerra, equinos, amplificadores de som, viaturas blindadas, drones, e, como o meio menos eficaz, helicópteros.

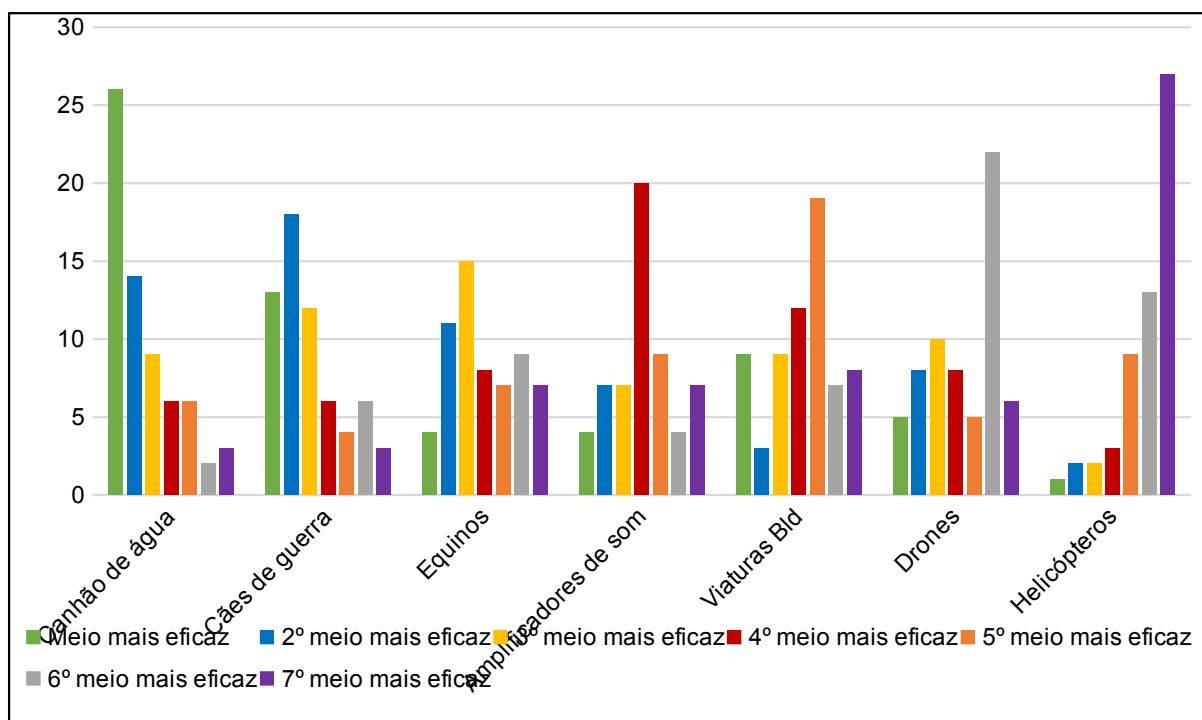


GRÁFICO 10 – Avaliação da amostra, em valores absolutos, sobre meios especiais mais eficazes em OCD

Fonte: O autor

Apesar de os helicópteros consistirem em excelente plataforma de comando e controle, além de poderem ser utilizados para outras tarefas em OCD, como pairar a baixa altitude para abafar oradores que se dirigem à turba e iluminação noturna, por exemplo (REPÚBLICA PORTUGUESA, 2011, p. 7-9), a baixa avaliação em relação à sua eficácia nesse tipo de operação deve-se ao fato de que a amostra entendeu que tal meio é melhor aproveitado sob o controle do escalão superior à Força OCD, como observou um dos respondentes em seu questionário, e que não seria tão bem aproveitado sob o controle direto da Força OCD.

Os militares entrevistados também foram unânimes em destacar a utilização do canhão de água por sua eficácia em dispersar a turba com pouco desgaste da tropa. Outrossim, o 1º Ten Vinícius Souza ressaltou a importância da utilização de equipamentos de engenharia em OCD para a desobstrução de vias; o 2º Sgt JAIR, a utilização de escudos balísticos; e o Cap PMESP Fernando e o Cap PMERJ Gilberto, o emprego de viaturas específicas adequadas para o transporte da Força OCD.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por principal objetivo propor a adequação da doutrina de OCD visando o emprego de uma Companhia de Fuzileiros em Grandes

Eventos. A fim de alcançá-lo, fez-se necessário solucionar o problema proposto, respondendo ao questionamento de que a doutrina de OCD em vigor no Exército Brasileiro está ou não de acordo com o que está sendo executado na prática. Nesse aspecto, conclui-se que a presente investigação atendeu ao intentado, pois a revisão de literatura possibilitou-nos reconhecer algumas deficiências que apontaram para uma necessidade de atualização e de adequação da doutrina, o que foi corroborado também pelo questionário aplicado, o qual nos permitiu identificar que a doutrina de OCD atende apenas parcialmente à necessidade de preparo das tropas para esse tipo de operação.

Além de não existir manual do Exército Brasileiro que trate de OCD em grandes eventos, o manual de OCD (C 19-15) é antigo, publicado no ano de 1997, e não aborda as formações a serem realizadas pela tropa e as ações para o movimento e manobra possíveis de serem executadas, como transposição de obstáculos, tiro com armamento letal e menos letal, resgate de feridos e apreensão de integrantes da turba, por exemplo. Ainda, outro importante aspecto nesse tipo de operação, a utilização de meios especiais, é contemplado de maneira superficial; e prevê a Força de Reação dotada de fuzil com baioneta calada, o que não mais é posto em prática.

O preparo das tropas em OCD é complementado pela Nota de Aula da SIEsp/AMAN e pela Caderneta do CIOpGLO, fontes essas que não são manuais ou cadernos de instrução, acarretando como consequência o fato de as informações não estarem compiladas em um único documento, o que pode gerar divergências na execução das OCD por diferentes tropas e dificultar a transmissão das melhores práticas absorvidas nos recentes empregos em operações de apoio a órgãos governamentais. Ambas as fontes abordam as formações da Força de Choque, porém nenhuma delas abrange ações para o movimento e manobra. Também, os meios especiais a serem empregados em OCD são abordados pela Nota de Aula da SIEsp/AMAN e pelos manuais C 85-1 (Op GLO) e CI 11.002 (Emprego do Cão de Guerra). Todavia, estes documentos não esgotam o assunto.

A revisão de literatura permitiu identificar documentos que podem ser utilizados para a atualização da doutrina, dentre os quais se destacaram o manual de OCD da PMSP, que foi o que mais se aprofundou no assunto; e o manual de Polícia do Exército Espanhol, que apresenta a formação em cadeia, conhecida em outros países como *kettling*, que pode ser aplicada contra multidões em resistência não-violenta, aumentando as possibilidades da Força OCD. O manual americano

de OCD, ATP 3-39.33 *Civil Disturbances*, prevê a existência de uma equipe de extração, com a missão não apenas de capturar elementos da turba, mas também de resgatar civis feridos e remover obstáculos.

A compilação de dados permitiu identificar que, dentre as formações da Força de Choque, a formação em linha, a mais utilizada, pode sofrer variação com maior distância entre os escudeiros, a fim de possibilitar à Força de Choque ocupar toda a frente do local onde é empregada, negando à turba a possibilidade de flanqueá-la, além de permitir aos escudeiros maior liberdade de movimento para repelir indivíduos mais violentos em contato direto com esses militares.

Ainda, também por meio do enfeixe das informações colhidas, foram levantadas como as principais ações para o movimento e manobra realizadas a transposição e/ou remoção de obstáculos, o resgate de civis feridos e a apreensão de membros da turba. Outrossim, também foram investigados os meios especiais mais eficazes em OCD, bem como a posição a partir da qual melhor é realizado o tiro com armamento letal ou menos letal, sendo apontado o tiro a partir de posições entre os escudeiros como o mais eficaz.

As informações coletadas possibilitam a adequação da doutrina no tocante aos três aspectos em relação aos quais foi dada a maior ênfase neste trabalho: formações em OCD, ações para o movimento e manobra, e meios especiais empregados. Assim, conclui-se que a presente investigação atendeu ao pretendido, atingindo o objetivo geral da pesquisa.

Por fim, é mister que a doutrina de OCD continue em evolução, a fim de evitar a previsibilidade das ações da tropa empenhada nesse tipo de operação e de acompanhar as mudanças na forma de atuação das turbas, diminuindo o desgaste físico e material por parte dos militares.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Fábio Sérgio do; VALÉRIO, Marco Aurélio. [Uso da força e de armas de fogo em manifestações populares](#). *Revista Jus Navigandi*, Teresina, ano 19, n. 3984, 29 maio 2014. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/28988>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BLACK BLOC. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Black_bloc&oldid=46959388>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n° 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo n° 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n° 1 a 6/1994. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

_____. Decreto n° 3.897, de 24 de agosto de 2001. **Fixa as diretrizes para o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2001.

_____. Estado-Maior do Exército. **EB20-MC-10.103**: Operações. 4. ed. Brasília: EGGCF, 2014.

_____. _____. **EB20-P-10.001**: Plano de Desenvolvimento da Doutrina Militar Terrestre (PDDMT 16/17). 1. ed. Brasília: EGGCF, 2015.

_____. _____. **Manual de Campanha C19-15**: Operações de Controle de Distúrbios. 3. ed. Brasília: EGGCF, 1997.

_____. _____. **Manual de Campanha C 85-1**: Operações de Garantia da Lei e da Ordem. 2. ed. Brasília: EGGCF, 2010.

_____. _____. **Manual de Campanha C19-5**: Polícia do Exército. 1. ed. Rio de Janeiro, 1966.

_____. Exército. Academia Militar das Agulhas Negras. **Nota de Aula SIEsp/AMAN**: Operações de Garantia da Lei e da Ordem. Resende, 2007.

_____. _____. Centro de Instrução de Operações de Garantia da Lei e da Ordem. **Caderneta de Operações de GLO**. 1. ed. Campinas, 2008.

_____. _____. Comando de Operações Terrestres. **EB70-CI-11.002**: Caderno de Instrução de Emprego de Cão de Guerra. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2013.

_____. Ministério da Defesa. **EB20-MC-10.201**: Operações em Ambiente Interagências. 1. ed. Brasília: EGGCF, 2013.

_____. _____. **Livro Branco da Defesa Nacional**. Brasília, 2012.

_____. _____. **MD 33-M-10**: Garantia da Lei e da Ordem. 2. ed. Brasília: EGGCF, 2014.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of the Air Force. **AFM 31-201**: Civil Disturbance. [S.l.]: [s.n.], 2010.

_____. Headquarters. Department of the Army. **ATP 3-39.33**: Civil Disturbances. Washington, DC: [s.n.], 2014.

_____. _____. _____. **FM 3-39**: Military Police Operations. Washington, DC: [s.n.], 2013.

_____. _____. _____. **FM 3-19.17**: Military Police Working Dogs. Washington, DC: [s.n.], 2005.

_____. _____. _____. **FM 3-19.4**: Military Police Leadres Handbook. Washington, DC: [s.n.], 2002.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **M-8-PM**: Manual de Controle de Distúrbios Civis. 4. ed. São Paulo, 2011.

REINO DA ESPANHA. Mando de Adiestramiento y Doctrina. **MI7-009**: Policía Militar. [S.l.:s.n.], 1998.

REINO UNIDO. Ministry of Defense. **AFM Vol 1 Part 9**: Tactics for Stability Operations. [S.l.]: [s.n.], 2007.

REPÚBLICA PORTUGUESA. Ministério da Defesa Nacional. **PDE 3-65-00**: Operações de Apoio à Paz – Técnicas, Táticas e Procedimentos. [S.l.:s.n.], 2011.

VIEGAS, Clyde; VLEEMING, Mathijs. **Measuring success**: A look at and beyond the new 2015 ICCA country and city rankings. [S.l.], 31 maio 2016. Disponível em: <<http://www.iccaworld.org/newsarchives/archivedetails.cfm?id=5786>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SOLUÇÃO PRÁTICA – PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DOUTRINÁRIA DE OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS NO TOCANTE ÀS FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS ESPECIAIS EMPREGADOS

O presente documento é resultado do Artigo Científico do Cap Inf FRANCISCO AFONSO FERNANDES DE SOUSA NETO, o qual teve por título “A COMPANHIA DE FUZILEIROS EM OPERAÇÕES DE CONTROLE DE DISTÚRBIOS EM GRANDES EVENTOS: FORMAÇÕES, AÇÕES PARA O MOVIMENTO E A MANOBRA, E MEIOS ESPECIAIS EMPREGADOS”, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito à especialização em ciências militares; e tem por objetivo oferecer subsídios para a atualização e adequação da doutrina de OCD do Exército Brasileiro.

Assim, a solução prática a seguir apresentada foi formatada de modo que possa integrar um Manual de Instrução que trate do assunto OCD, compondo um de seus capítulos. Para a sua confecção foram tomadas como referências majoritárias o manual de Controle de Distúrbios da PMESP (M-8-PM), o manual dos Estados Unidos da América ATP 3-39.33: *Civil Disturbances*, e o manual da Espanha MI7-009: *Policía Militar*.

1 GENERALIDADES

O emprego das Forças Armadas em operações de apoio a órgãos governamentais tem ocorrido com cada vez mais frequência nos dias atuais. Dentre as atividades possíveis de serem executadas nesse emprego estão as Operações de Controle de Distúrbios (OCD), que exigem uma tropa altamente adestrada, deixando evidente a legitimidade de suas ações e diminuindo ao máximo a possibilidade de danos à população civil, principalmente em grandes eventos, devido à visibilidade que possuem, proporcionada pela grande cobertura midiática que lhes é característica.

As Operações de Controle de Distúrbios exigem dos militares que delas participam, principalmente daqueles em função de comando, medidas legais e criativas, de forma a se evitar a previsibilidade das ações a serem realizadas, além de flexibilidade, em um cenário que pode apresentar desde um grupo de pessoas em resistência não-violenta até turbas extremamente violentas.

O emprego das FFAA na segurança de grandes eventos é asseverado pelo Decreto Presidencial nº 3.897, de 24 de agosto de 2001, segundo o qual as Forças Armadas poderão ser empregadas na garantia da lei e da ordem nas situações “em que se presume ser possível a perturbação da ordem, tais como as relativas a eventos oficiais ou públicos, particularmente os que tiverem a participação de chefe de Estado ou de governo estrangeiro”.

2. ORGANIZAÇÃO DE UMA FORÇA OCD

As operações de controle de distúrbios não são desenvolvidas apenas pela força em contato direto com a turba, denominada Força de Choque, integrando também: uma Força de Isolamento, uma Força de Cerco, uma Força de Reação, a Reserva, uma Equipe de Observação e Base e Fogos, uma Equipe de Extração, uma Equipe de Busca e uma Equipe de Apoio. Todas essas frações constituem a Força OCD.

2.1 FORÇA DE ISOLAMENTO

A Força de Isolamento é constituída para realizar o isolamento do local onde está ocorrendo o distúrbio, por meio do estabelecimento de Pontos de Bloqueio, a fim de controlar o movimento até esse local, desviando o tráfego e evitando o aumento do número de participantes da turba.

2.2 FORÇA DE CERCO

A Força de Cerco tem por missão ocupar posições nos acessos imediatos ao local do distúrbio e ao redor da turba, a fim de canalizar o seu movimento para as vias de fuga. Ainda, também tem como finalidades executar a triagem dos manifestantes, caso tal ação seja prevista pelo escalão superior, e a dissuasão da turba.

2.3 FORÇA DE CHOQUE

A Força de Choque é a fração que, devidamente equipada com materiais específicos para esse fim, é destacada à frente, a fim de dissuadir a turba a dispersar-se ou desfazê-la.

2.4 FORÇA DE REAÇÃO

A Força de Reação permanece em 2º escalão, em condições de reforçar a Força de Choque, caso necessário.

2.5 RESERVA

A Reserva é constituída para permanecer em condições de ser empregada, mediante ordem do comandante da operação, reforçando outras frações, particularmente as Forças de Reação ou de Cerco.

2.6 EQUIPE DE OBSERVAÇÃO E BASE DE FOGOS

A Equipe de Observação e Base de Fogos tem como objetivos: alimentar o comandante da operação com informações sobre a turba, identificando líderes e atos ou intenções hostis, por exemplo; registrar as ações com fotos e filmagens e, caso a equipe disponha de elemento especializado e mediante ordem, realizar tiros de precisão em alvos específicos. Para tanto, ocupa posições de comandamento.

2.7 EQUIPE DE EXTRAÇÃO

A Equipe de Extração é responsável por, deslocando-se junto da Força de Choque, apreender indivíduos perigosos, resgatar civis que necessitem de socorro ou remover obstáculos que estejam impedindo a progressão da tropa.

2.8 EQUIPE DE BUSCA

A equipe de busca é responsável por vasculhar a área após o investimento da Força de Choque, a fim de capturar líderes e elementos que cometeram crimes, e buscar armamento, munições e provas deixadas no local.

2.9 EQUIPE DE APOIO

É constituída de pessoal de saúde, bombeiros, militares especialistas em operações psicológicas, e outros.

3 ORGANIZAÇÃO DA FORÇA DE CHOQUE

O efetivo a ser empregado para constituir a Força de Choque será definido pelo comandante da operação em seu estudo de situação, levando em consideração o tamanho da área onde a tropa será empregada e o número de manifestantes no local. Para fins de exemplificação, será tomado como base um pelotão de fuzileiros desempenhando a missão dessa força, cujos integrantes serão divididos da seguinte maneira:

- 1) Comandante de Pelotão: responsável pela coordenação e controle da Força de Choque;
- 2) Adjunto de Pelotão: sargento auxiliar e substituto do comandante de pelotão;
- 3) Radioperador: militar encarregado de estabelecer as comunicações do comandante do pelotão com o comandante da subunidade;
- 4) Homem extintor: soldado responsável por conduzir e operar o extintor de incêndio caso necessário;
- 5) Segurança: soldado responsável por realizar a segurança do pelotão, portando, para tanto, armamento e munição letal;
- 6) Comandante de Grupo: responsável por controlar os militares do seu Grupo de Combate, corrigindo os militares a seu comando durante a execução das formações e evitando que ocorra o isolamento de algum subordinado durante a ação;
- 7) Cabo atirador: responsável por executar, mediante ordem do comandante de pelotão, disparos de munição menos letal com a espingarda Cal 12;
- 8) Granadeiro: soldado que tem por atribuições realizar o lançamento manual ou com o auxílio de instrumentos apropriados (lançadores de granadas, por exemplo) de granadas menos letais, e fazer uso de espargidores; e
- 9) Escudeiro: soldado responsável por, conduzindo escudo, prover a segurança do pelotão contra arremesso de objetos e contato físico da turba.

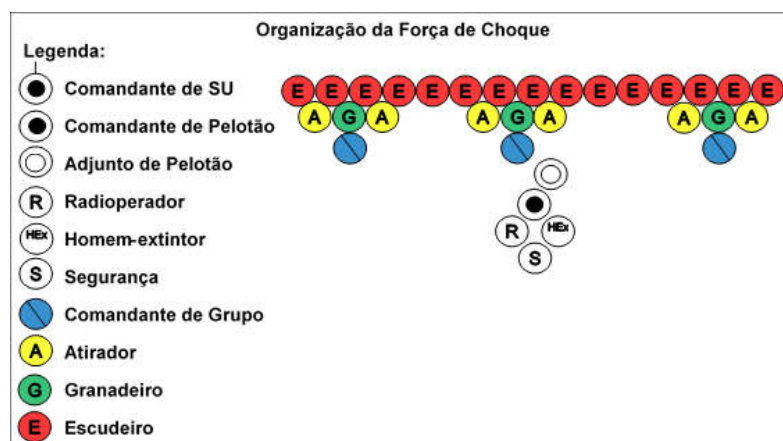


FIGURA 1 – Organização da Força de Choque.
 Fonte: adaptado, pelo autor, da Caderneta de Operações de GLO do CIOpGLO.

4 FORMAÇÕES DOS ESCUDEIROS DA FORÇA DE CHOQUE

4.1 EM GUARDA ALTA

Na formação em guarda alta, os escudeiros erguem os escudos, os quais ficarão ligeiramente inclinados para trás, a fim de proteger a Força de Choque de objetos arremessados em trajetória parabólica. Nesta posição, os cassetetes efetuam apoio na parte inferior do escudo.



FIGURA 2 – Força de Choque com escudeiros em guarda alta.
Fonte: o autor.

4.2 EM GUARDA ALTA EM ASSADA

Na formação em guarda alta em assada, os escudeiros que ocupam a posição mais ao centro da formação permanecerão com os escudos paralelos ao corpo e os escudeiros das extremidades cerrarão à retaguarda destes, posicionando os escudos acima e ligeiramente inclinados para trás. Tem por finalidade proteger a Força de Choque quando estão sendo arremessados grande quantidade de objetos tanto em trajetórias parabólicas quanto em trajetórias tensas.



FIGURA 3 – Força de Choque com escudeiros em guarda alta em assada.
Fonte: o autor.

4.3 EM GUARDA BAIXA

Nesta formação, os escudeiros permanecem agachados, com os escudos tocando o solo e oferecendo proteção a todo o corpo. Os cassetetes apoiam a parte superior do escudo. Tem por finalidade proteger a força de choque contra arremessos de objetos em trajetórias baixas ou quando ocorre disparo de arma de fogo por parte da turba e ainda não foi identificado o atirador.



FIGURA 4 – Força de Choque com escudeiros em guarda baixa.
Fonte: o autor.

4.4 EM GUARDA BAIXA EM ASSADA

Quando em guarda baixa em assada, metade dos escudeiros permanece na posição em guarda baixa, e a outra metade irá se posicionar de pé, à sua retaguarda, com o escudo encaixado no do escudeiro que está abaixo. Pode ser utilizada, por exemplo, enquanto se aguarda o socorro de algum militar ferido. Apesar de oferecer grande área de proteção, a tropa não deverá permanecer muito tempo nesta formação, posto que perde completamente sua mobilidade.



FIGURA 5 – Força de Choque com escudeiros em guarda baixa em assada.
Fonte: o autor.

5 FORMAÇÕES BÁSICAS DA FORÇA DE CHOQUE

As formações a serem adotadas pela Força de Choque, quando executadas com propriedade, são uns dos mais práticos métodos para controle de distúrbios. Assim, antes do deslocamento da tropa para o local de emprego, um ensaio intenso das formações deve ser conduzido.

De acordo com o terreno, o tamanho e a disposição da turba, e a direção que se quer dar à mesma, a Força de Choque, mediante ordem, pode assumir as seguintes formações:

5.1 EM COLUNA POR TRÊS

A formação em coluna por três é a formação básica da Força de Choque, utilizada em formaturas, para controle do efetivo e em deslocamentos. Admite a variação em coluna por dois, quando a tropa se desloca por locais estreitos ou está na iminência de adotar outras formações

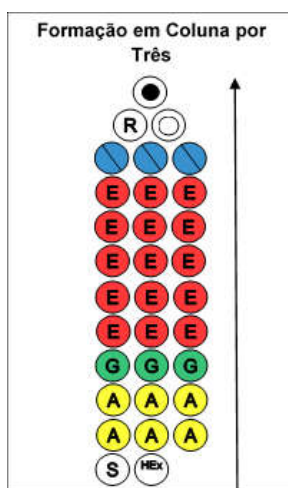


FIGURA 6 – Formação em coluna por três.

Fonte: adaptado, pelo autor, da Caderneta de Operações de GLO do CIOpGLO.



FIGURA 7 – Força de Choque em coluna por três.
 Fonte: o autor.

5.2 EM LINHA

É a formação mais utilizada, servindo para bloquear o deslocamento da turba ou empurrá-la. Os escudeiros devem posicionar-se o mais próximo uns dos outros, a fim de impedir o rompimento do dispositivo. Todavia, é admissível variação dessa formação com maior distância entre os escudeiros, a fim de possibilitar à Força de Choque ocupar toda a frente do local onde é empregada, negando à turba a possibilidade de flanqueá-la, além de permitir aos escudeiros maior liberdade de movimento para repelir indivíduos mais violentos em contato direto com esses militares.

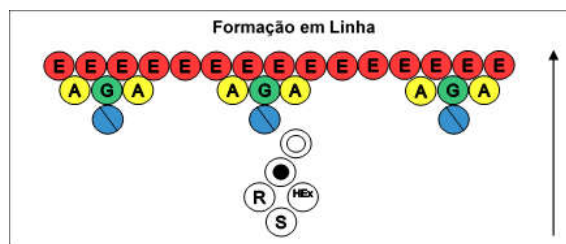


FIGURA 8 – Formação em linha.
 Fonte: adaptado, pelo autor, da Caderneta de Operações de GLO do CIOpGLO.



FIGURA 9 – Força de Choque em linha.
 Fonte: o autor.

5.3 EM CUNHA

É a segunda formação mais utilizada, sendo eficiente quando se almeja penetrar na turba ou dividi-la, enfraquecendo-a.

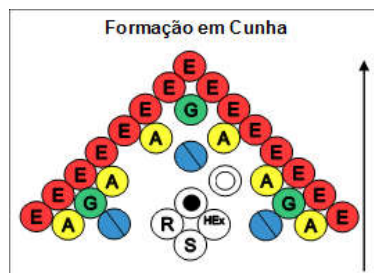


FIGURA 10 – Formação em cunha.
 Fonte: adaptado, pelo autor, da Caderneta de Operações de GLO do CIOpGLO.



FIGURA 11 – Força de Choque em cunha.
 Fonte: o autor.

5.4 EM ESCALÃO À DIREITA OU À ESQUERDA

Tem por finalidade direcionar o movimento da turba para a direita ou para a esquerda.

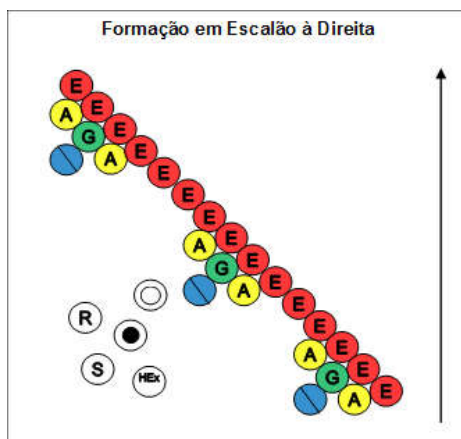


FIGURA 12 – Formação em escalão à direita.

Fonte: adaptado, pelo autor, da Caderneta de Operações de GLO do CIOpGLO.



FIGURA 13 – Força de Choque em escalão à esquerda.

Fonte: o autor.

6 FORMAÇÕES EM APOIO

Nas formações em apoio geralmente são empregados um ou mais pelotões em apoio a um outro pelotão, denominado pelotão base.

6.1 EM APOIO LATERAL

Nesta formação, as frações em apoio posicionam-se em coluna, nas laterais do pelotão base, independente da formação básica por ele adotada. Os escudeiros dos pelotões em apoio podem estar com os escudos voltados para as laterais ou para a frente do dispositivo, de acordo com a padronização do comandante da fração. Tem por finalidade garantir maior proteção aos flancos do pelotão apoiado, evitando o seu desbordamento por parte da turba.

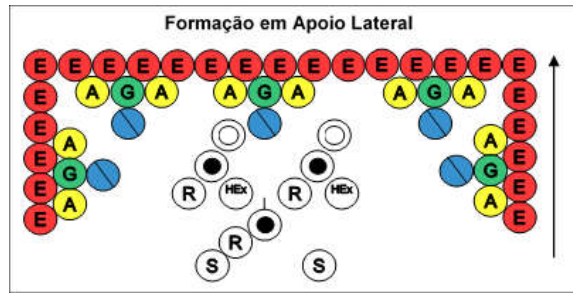


FIGURA 14 – Formação em apoio lateral.

Fonte: adaptado, pelo autor, do Manual de Controle de Distúrbios Cíveis da Polícia Militar do Estado de São Paulo (M-8-PM).

6.2 EM APOIO COMPLEMENTAR

Na formação em apoio linear, a fração em apoio adota a mesma formação básica do pelotão apoiado, posicionando-se ao lado deste, aumentando o seu tamanho e área de atuação.

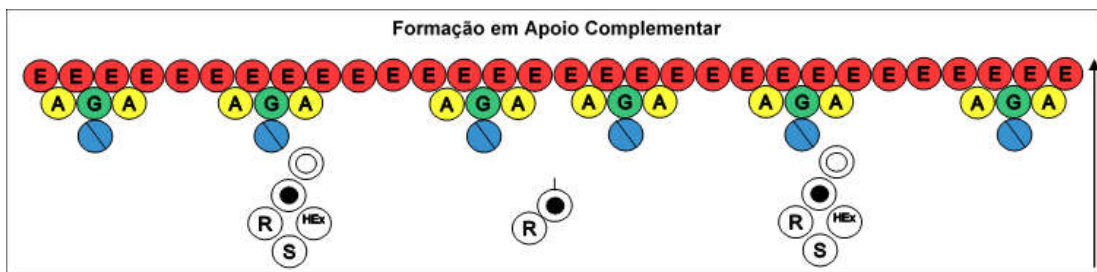


FIGURA 15 – Formação em apoio complementar.

Fonte: adaptado, pelo autor, do Manual de Controle de Distúrbios Cíveis da Polícia Militar do Estado de São Paulo (M-8-PM).

6.3 EM APOIO CERRADO

Nesta formação, a fração em apoio adota a mesma formação básica do pelotão base e posiciona-se imediatamente à retaguarda e nos intervalos deste, adensando a formação, a fim de que o dispositivo não seja rompido.

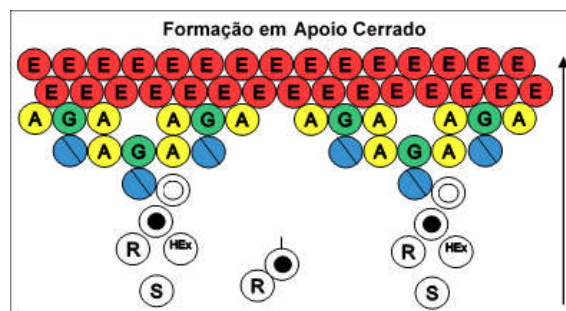


FIGURA 16 – Formação em apoio cerrado.

Fonte: adaptado, pelo autor, do Manual de Controle de Distúrbios Cíveis da Polícia Militar do Estado de São Paulo (M-8-PM).

6.4 EM APOIO CENTRAL

Na formação em apoio central, a fração em apoio posiciona-se à retaguarda do pelotão base, em coluna por dois ou por três, garantindo-lhe flexibilidade para a adoção de novas formações, de acordo com as ações da turba.

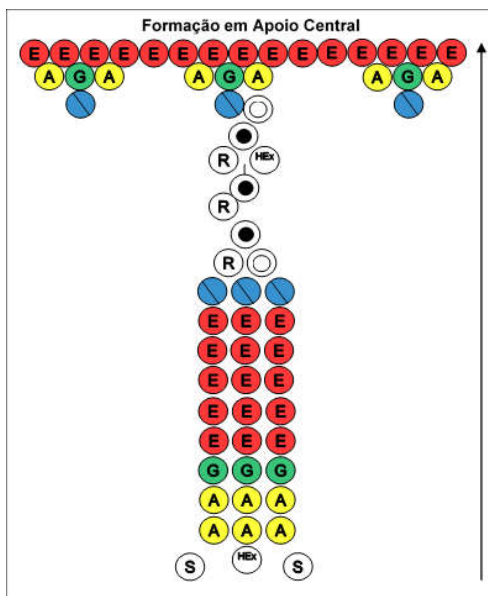


FIGURA 17 – Formação em apoio central.

Fonte: adaptado, pelo autor, do Manual de Controle de Distúrbios Civis da Polícia Militar do Estado de São Paulo (M-8-PM).

7 FORMAÇÃO EM CADEIA

A tática *kettling*, também chamada de tropa do braço ou formação em cadeia, consiste na formação de largos cordões pelos militares, os quais devem se posicionar lado a lado, unindo-se uns aos outros cruzando os braços na altura dos cotovelos, segurando o pulso ou a tonfa do militar ao lado, de modo que um grupo de indivíduos fique confinado. Tomado o dispositivo, a massa cercada pode ser conduzida como um todo para um local desejado ou os seus integrantes podem ser removidos um a um por militares da equipe de extração.

Também, a formação pode ser adensada com uma segunda fileira de militares posicionando-se à retaguarda e nos intervalos da fileira da frente.

A formação em cadeia é indicada para ser utilizada face a grupos que apresentem resistência não-violenta ou que conte com grande número de pessoas consideradas vulneráveis, como crianças, por exemplo, tendo em vista que a proximidade da tropa e o confinamento pode acirrar os ânimos de turbas violentas, situações nas quais as formações ordinárias são mais aconselháveis. Ainda, tal tática, dependendo da quantidade de membros da turba, pode exigir grande número de militares a fim de que seja possível de ser executada.

8 AÇÕES PARA O MOVIMENTO E MANOBRA EM OCD

As principais ações para o movimento e manobra em OCD são a transposição e remoção de obstáculos, a apreensão de membros da turba, o resgate de civis feridos e o tiro com armamento letal e menos letal.

8.1 TRANSPOSIÇÃO E REMOÇÃO DE OBSTÁCULOS

Durante o seu deslocamento, é comum a tropa se deparar com obstáculos posicionados pela turba. Quando possível, devem ser transpostos pela Força de Choque, que pode fazê-lo com toda a força desbordando-o por um único lado ou com a sua divisão, onde cada parte da Força de Choque desvia por um lado do obstáculo, vindo a retomar o dispositivo à sua frente. Cabe ressaltar que tal transposição deve ocorrer de maneira rápida e sincronizada. O obstáculo, após a passagem da Força de Choque, deve ser removido pela Força de Reação e não pela Equipe de Extração, a qual prosseguirá deslocando-se junto à Força de Choque.

Quando o bloqueio impede o prosseguimento da Força de Choque e não é possível transpô-lo, deve ser removido pela Equipe de Extração, que pode contar com o apoio de viaturas ou de máquinas de engenharia para auxiliá-la.

8.2 APREENSÃO

A apreensão de indivíduos da turba é outra ação que deve ser ensaiada, a fim de que seja realizada com sucesso, de maneira rápida, sem expor membros da tropa ou acirrar os ânimos da turba.

Normalmente, os indivíduos a serem apreendidos são aqueles que estão em contato direto com os escudeiros, os que praticaram crimes ou foram identificados como líderes que estão insuflando a massa, sendo interessante que tal identificação seja feita com tinta, para facilitar o trabalho da Equipe de Extração ou mesmo possibilitar que a apreensão seja feita em momento posterior, pela Força de Cerco ou de Isolamento.

Deve-se procurar realizar a apreensão com os escudeiros envolvendo os indivíduos mais agressivos à frente de turba, para posterior ação da Equipe de Extração, que imobiliza tais indivíduos, os conduz à retaguarda e os entrega à Equipe de Apoio, voltando o mais rápido junto da Força de Choque.

Outra forma de proceder à apreensão é com o investimento da Equipe de Extração à frente dos escudeiros, a fim de capturar um membro da turba e conduzi-lo imobilizado à retaguarda dos escudeiros. Tal ação pode ser facilitada com a utilização de cães de guerra, e tem a desvantagem de expor os militares que investem à frente.

As duas formas acima apresentadas admitem-se variações, desde que brifadas e ensaiadas com todos os militares, tanto da Equipe de Extração como da Força de Choque. Dentre as variações admitidas, pode-se citar como exemplo a combinação dos dois procedimentos, com o investimento da Equipe de Extração à frente e, ato contínuo, o envolvimento de tal equipe pelos escudeiros.

8.3 RESGATE DE CIVIS FERIDOS

O resgate de membros da turba que necessitem socorro deve ser realizado de maneira semelhante à captura. A Equipe de Extração é a responsável por tal ação e por conduzi-los aos profissionais de saúde integrantes da Equipe de Apoio, retornando o quanto antes junto à Força de Choque.

8.4 TIRO COM ARMAMENTO MENOS LETAL E LETAL

O tiro tenso com armamento menos letal e letal pode ser realizado a partir de três posições: a partir das laterais do dispositivo, entre os escudeiros, ou partir de posições acima da linha de escudos.

O tiro a partir das laterais do dispositivo apresenta a vantagem de não prejudicar o deslocamento da Força de Choque, além de proporcionar boa observação e campo de tiro aos atiradores, enquanto o tiro a partir de posições entre os escudeiros limita a observação e exige maior coordenação; e o tiro acima dos escudeiros exige que estes se abaixem, expondo os atiradores.

Cabe ressaltar que tanto no tiro entre os escudeiros, como acima destes, o atirador deve se adiantar em relação à linha de escudos, de modo que o ruído do disparo não cause danos à audição da tropa ou eventual chama do armamento não venha a ferir nenhum militar.

8.5 REMOÇÃO DE INDIVÍDUOS EM RESISTÊNCIA NÃO VIOLENTA

A tropa pode se deparar com situação na qual a massa ou grupos de indivíduos se sentam em resistência passiva. Caso estejam em local não

autorizado, devem ser retirados um a um. Para tanto, deve-se, apoiando um dos joelhos nas costas do indivíduo a ser removido, pressionar com os nós dos dedos das duas mãos logo abaixo das orelhas, o que levará o APOP a mover os braços em resposta ao desconforto. Ato contínuo, deve-se apanhar e forçar ambas as munhecas do indivíduo contra o antebraço, imobilizando-o e conduzindo para local diverso.

9 EMPREGO DE MEIOS ESPECIAIS

Sempre que possível, as tropas em operações de controle de distúrbios devem ser reforçadas por meios especiais, a fim de proporcionar maior eficiência às ações. Há vários meios especiais que podem auxiliar a tropa em OCD, como helicópteros, drones, armas de energia dirigida ou conduzida. Dentre os mais utilizados nesse tipo de missão na atualidade, podemos destacar: canhões de água, cães de guerra, equinos e amplificadores de som.

9.1 CANHÕES DE ÁGUA

Água lançada por mangueiras ou veículos dotados de canhão d'água podem ser empregados para movimentar ou dispersar a turba. Pode ser lançada sobre a turba em movimento parabólico, de modo a deixar os seus integrantes molhados e dispersá-los pelo desconforto causado; ou pode também ser lançada em jatos com pressão, a fim de neutralizar um indivíduo mais exaltado e até derrubá-lo. A distâncias inferiores a cinco metros, o jato deve ser dirigido para o solo e não para o corpo.

Ainda, tinta inerte e fisiologicamente não reativa pode ser misturada à água, a fim de marcar manifestantes para posterior identificação

9.2 CÃES DE GUERRA

Os cães de guerra, em OCD, além do efeito dissuasório que causam, podem ser empregados na Força de Isolamento, auxiliando na triagem dos transeuntes e na Força de Choque, atuando na defesa do flanco da tropa, evitando que seja desbordada, ou na apreensão de membros da turba.

9.3 EQUINOS

O emprego da tropa hipomóvel tem elevado efeito dissuasório, assegurando mais rapidez, flexibilidade e ação de choque às operações de controle de distúrbios. Além disso, o cavalo é imune aos agentes químicos.

O emprego de equinos pode ocorrer em reforço às Forças de Isolamento ou de Cerco, ou em reforço à Força de Choque, na realização das seguintes atividades: repelimento da turba para permitir o avanço da tropa a pé, proteção dos flancos, isolamento para a captura de líderes e condução de presos.

9.4 AMPLIFICADORES DE SOM

O emprego de amplificadores de som pode ocorrer com o apoio de viaturas com alto-falantes. Tal meio, além de facilitar o comando e controle por parte do comandante da Força de Choque, é uma excelente ferramenta para estimular os membros da turba a abandonarem o local de maneira pacífica.